

ARTIGO

Contribuições para a compreensão das *fake news* como produções textuais-discursivas incorporadas ao campo jornalístico*

Contributions to the understanding of fake news as textual-discursive productions incorporated into the journalistic field

Anna Christina Bentes 
José Elderson de Souza-Santos* 

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil
E-mails: acbentes@unicamp.br; eldersonsantos@hotmail.com

RESUMO: Neste trabalho, buscamos refletir sobre a natureza textual-discursiva das *fake news* a partir da observação de 14 textos produzidos e postos em circulação ao longo dos meses de novembro e dezembro de 2022 e da primeira semana de janeiro de 2023, período que sucedeu a vitória de Lula no pleito eleitoral presidencial brasileiro de 2022 e antecedeu a tentativa de golpe de Estado executada por militantes bolsonaristas em 08 de janeiro de 2023. Ao longo desse período, a população foi “bombardeada” por um conjunto de produções textuais-discursivas que, além de darem respaldo discursivo aos questionamentos bolsonaristas, constituíram ainda mais fortemente modos de conceber as eleições presidenciais brasileiras no segundo turno (como fraudadas), orientando as interpretações e ações que os eleitores de Bolsonaro deveriam ter a partir da divulgação dos resultados. Ao longo do trabalho, sustentamos, principalmente, que as *fake news* se constituem em práticas comunicativas estruturadas por meio de uma produção textual diversa e em larga escala concebida no/ e incorporada tanto ao campo jornalístico como ao campo político. Esses textos têm como principal finalidade a promoção da mudança de comportamento, em pouco tempo, de parcelas significativas da sociedade em relação a modos de ação e de organização da vida social.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Textual, *Fake news*, Campo jornalístico, Bolsonarismo.

ABSTRACT: In this work, we seek to reflect on the textual-discursive nature of fake news from the observation of 14 texts produced and put into circulation over the months of November and December 2022 and the first week of January 2023, the period that followed the victory of Lula in the 2022 Brazilian presidential election and preceded the attempted coup d'état carried out by Bolsonaroist militants on January 8, 2023. Throughout this period, the population was “bombarded” by a set of textual-discursive productions that, in addition to giving discursive

*O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

COMO CITAR

BENTES, Anna Christina; SOUZA-SANTOS, José Elderson de. Contribuições para a compreensão das *fake news* como produções textuais-discursivas incorporadas ao campo jornalístico. *Revista da Anpoll*, v. 54, n. 1, e1902, 2023. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v54i1.1902>



support to Bolsonaroist questions, constituted even more strongly ways of conceiving the Brazilian presidential elections in the second round (as fraudulent), guiding the interpretations and actions that Bolsonaro voters should take after the results are announced. Throughout the work, we maintain, mainly, that fake news constitute communicative practices structured through a diverse and large-scale textual production conceived in and incorporated both in the journalistic field and in the political field. These texts have as their main purpose the promotion of behavior change, in a short time, of significant portions of society in relation to modes of action and organization of social life.

KEYWORDS: Textual Linguistics, Fake News, Journalistic Field, Bolsonaroism.

1 Introdução

Nas páginas finais de sua célebre obra “Desvendando os segredos do texto”, Ingedore Villaça Koch questiona-se: “Linguística Textual: *quo vadis?*”. O ano do questionamento era 2002, junto à virada de século, o mundo passava por vigorosas, céleres e marcantes transformações, as quais impactavam não somente a vida em sociedade, mas também e por consequência o funcionamento dos textos.

No Brasil, no que tange ao desenvolvimento tecnológico, a comercialização dos computadores, dos telefones celulares e da *internet* começava a se popularizar; já no que tange à realidade político-social, testemunhávamos anos de lutas sociais desaguar em avanço de setores populares da sociedade sobre o executivo e o legislativo federais. Vivenciando esta realidade, a autora aponta que o rumo a ser tomado pela Linguística Textual estaria vinculado diretamente a como esta disciplina se voltaria ao estudo das novas formas de representação do conhecimento (a exemplo do hipertexto).

Em 2023, vinte anos depois, constatamos quão certa foi a projeção da autora. Ao longo dessas duas décadas, o que vimos e vemos impor desafios à Linguística Textual, a outras disciplinas das Ciências Humanas e Exatas, é não somente surgimento de novas formas linguístico-semióticas de representação do conhecimento impostas pela metamorfose do mundo contemporâneo (Beck, 2018), mas as disputas (Bourdieu, 1989) cada vez mais acirradas pela construção e difusão dos textos e de seus conteúdos enquanto formas válidas/legítimas de conhecer o mundo social (Antos, 2005, 2015; Bentes, 2017; Bourdieu, 2007).

Diante desse acirramento, um conjunto de textos criados com o principal objetivo de produzir rupturas de várias naturezas no interior dos diferentes campos sociais¹ (Bentes; Souza-Santos, 2023), voltados ao aniquilamento de reputações (Freitas, 2020), de outras formas de conhecer que não aquelas pautadas por certas classes e capazes de levar pessoas à morte (Souza-Santos, 2023) teve sua circulação intensificada. Trata-se das produções que costumeiramente denominamos “*fake news*”.

¹ Hanks (2008) explica o conceito de campo postulado por Bourdieu como “[...] uma forma de organização social que apresenta dois aspectos centrais: (a) uma configuração de papéis sociais, de posições dos agentes e de estruturas às quais estas posições se ajustam; (b) o processo histórico no interior do qual estas posições são efetivamente assumidas, ocupadas pelos agentes (individuais ou coletivos).” (Hanks, 2008, p. 43, grifo do autor). Como exemplos mais clássicos de campo, temos o campo educacional, o campo literário, o campo artístico, o campo acadêmico, o campo político e o campo jornalístico.

Neste trabalho, buscamos refletir sobre a natureza textual-discursiva das *fake news* a partir da observação de um conjunto de textos produzidos e postos em circulação ao longo dos meses de novembro e dezembro de 2022 e da primeira semana de janeiro de 2023, período fundamental da história brasileira que sucedeu a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva no pleito eleitoral presidencial de 2022. Podemos dizer que esse período foi fundamental para a preparação da tentativa de golpe de Estado executada por militantes bolsonaristas em 08 de janeiro de 2023.

Inicialmente, buscamos classificar tais textos considerando as seguintes categorias: as suas formas genéricas², as ações que são neles/por eles executadas, seus principais temas³/tópicos, seus principais objetos de discurso⁴, as palavras de ordem neles encontradas, suas características sócio-semióticas e as relações intertextuais⁵ neles estabelecidas. A partir da consideração dessas categorias, pretendemos produzir algumas reflexões de forma a reforçar nossas teses sobre as chamadas *fake news*⁶: (i) constituem-se em práticas comunicativas estruturadas por meio de uma produção textual⁷ diversa e distribuída em larga escala, produção esta concebida no/ e incorporada, no caso deste estudo, tanto ao campo jornalístico como ao campo político⁸; (ii) exploram modos de funcionamento textual-discursivo desses campos tanto para legitimarem certos atores sociais que neles não são não reconhecidos como legítimos como para produzirem mais do que disputas, no interior dos campos, mas verdadeiros abalos disruptivos em seu interior; (iii) ao produzirem esses abalos, as *fake news* legitimam⁹ modos de (re) conhecer o mundo social a partir das próprias regras de funcionamento textual-discursivo dos campos e criam universos de significação comuns, modos de (re)conhecimento do mundo com base no reforço a crenças, a valores sociais preexistentes, para grupos sociais “moralmente

² Assumimos a noção de gêneros do discurso a partir da formulação de Hanks (2008), para quem os gêneros constituem modos de orientação para a produção do discurso. Para o autor, importa considerar, para além das noções de tema, estrutura composicional e estilo, aspectos como os processos de oficialização/legitimação que os gêneros propiciam, a forma como produzem uma centração indicial e como mobilizam as vozes sociais para compor o discurso.

³ Ao longo dos últimos anos, temos trabalhado com a noção de tema/temática de forma a dar conta da centração dos textos, especialmente no que diz respeito à possibilidade de propor acordos e consensos sobre o que se fala, principalmente em relação ao tratamento de um *corpus* de textos. A esse respeito, ver Koike; Bentes (2018), Bentes (2017), Bentes; Mariano; Accetturi (2017); Bentes; Mariano; Accetturi (2015); Ver também Ferreira-Silva (2020) sobre a noção de projetos temáticos.

⁴ Em síntese, podemos afirmar que os objetos de discurso são as entidades que construímos e às quais nos referimos ao utilizar a língua “[...] para designar, representar ou sugerir algo [...]” (Koch, 2003, p. 79).

⁵ A respeito do conceito de intertextualidade, ver Koch; Bentes; Cavalcante (2007).

⁶ Ao longo deste artigo, procuraremos argumentar que as *fake news* não se reduzem às suas funcionalidades ou finalidades, tal como pressupõe a noção de desinformação, nem apenas aos modos de difusão (*firehosing*) de textos concebidos como mentirosos ou enganadores. Nossa proposta aqui é apresentar critérios textuais e discursivos que possam esclarecer melhor sua natureza. Para a discussão do conceito, ver Bentes (2018), Bentes; Souza-Santos (2023).

⁷ A respeito do conceito de texto, ver Bentes (2024).

⁸ Assumiremos ao longo desse artigo a concepção de campo político tal como postulado por Bourdieu (1989).

⁹ A esse respeito, ver Bentes (2017), Koike; Bentes (2018) e Morato; Bentes (2021).

superaquecidos”¹⁰; (iv) a principal finalidade das *fake news* é a mudança, em pouco tempo, de comportamento, de parcelas significativas da sociedade em relação a modos de ação e de organização da vida social.

De forma a dar conta dessa discussão, na próxima seção deste artigo, apresentamos o contexto sociopolítico em que o *corpus* que analisamos foi produzido e o modo como compusemos o *corpus* a ser explorado. Na terceira seção, buscaremos discutir as características das *fake news* com base nas categorias textuais-discursivas a partir das quais procedemos à classificação dos textos de nosso *corpus*. E, por fim, faremos nossas considerações finais.

2 O contexto sociopolítico e a composição do *corpus*

No dia 30 de outubro de 2022, após meses de intensa campanha eleitoral, o candidato Lula venceu o candidato e então presidente brasileiro Jair Bolsonaro, consagrando-se, pela terceira vez, o presidente da República Federativa do Brasil. Essa eleição pode ser lida como um dos mais importantes eventos políticos da jovem democracia brasileira. Em primeiro lugar, porque se trata do desaguar de um conjunto de disputas e reviravoltas que constituem a política brasileira no período de, ao menos, 20 anos (de 2002 a 2022): as eleições e reeleições de Lula e Dilma Rousseff; o golpe sofrido por Dilma (Bastos, 2017) e a tomada de poder por Michel Temer; a eleição de Bolsonaro em 2018 após a prisão de Lula por Sérgio Moro, aliado de Bolsonaro; a luta e resistência da sociedade brasileira à pandemia de Covid-19 sob o governo Bolsonaro; o reconhecimento, por parte do Supremo Tribunal Federal (STF), da inocência de Lula e da atuação parcial de Sérgio Moro enquanto juiz da Operação Lava-Jato. E, em segundo lugar, por se tratar de uma eleição em que disputavam não apenas dois distintos modelos de governança do país, mas, sim, dois antagônicos modelos de sociedade.

Imediatamente após a vitória de Lula, os ataques de bolsonaristas ao pleito eleitoral e à democracia brasileira se intensificaram. Tais ataques¹¹ constituíram-se de ações concretas que visavam destruir o sistema democrático brasileiro e possibilitar a ascensão de um regime ditatorial no Brasil. Além disso, a população foi literalmente “bombardeada” por um conjunto de produções textuais-discursivas que reforçavam a ideia de que o evento eleitoral tinha sido fraudado para prejudicar Bolsonaro, sendo que essa fraude demandava, então, reação enérgica de seus eleitores.

Tais produções textuais deram respaldo aos questionamentos bolsonaristas, dado que os textos “[...] permitem ao homem organizar cognitivamente o mundo.” (Koch, 2003, p. 157). O conjunto de textos aos quais os militantes bolsonaristas tiveram acesso durante esse período produziu um reforço a determinados modos de conceber as eleições presidenciais brasileiras

¹⁰ Aproveitamos aqui as reflexões de Lash (2012) sobre a criação dos movimentos sociais atuais que, para o autor, encontram-se baseados na formação de grupos de afinidade de estilos de vida moralmente superaquecidos e semanticamente intensos. Uma análise que considera essa postulação foi desenvolvida em Bentes; Morato (2022).

¹¹ Como exemplo, citamos as seguintes ações: a interdição de rodovias federais para impossibilitar o tráfego de pessoas, alimentos e medicamentos; os acampamentos nas portas dos quartéis em todo o Brasil, o ataque à sede da Polícia Federal (PF) em Brasília, em conjunto com a depredação de bens públicos e privados como a reação à diplomação de Lula e à prisão de criminosos bolsonaristas pela PF; a tentativa de provocação do caos na capital do Brasil por meio da explosão de um caminhão-tanque na imediações do aeroporto de Brasília.

no segundo turno e orientou as ações que os eleitores de Bolsonaro deveriam ter a partir da divulgação dos resultados.

Esse cenário de ataques reais e de “bombardeios” textuais-discursivos culminou com a tentativa de golpe de estado em 08 de janeiro de 2023. Nessa data, bolsonaristas, grande parte deles acampados em frente a quartéis gerais do Exército em diversos estados brasileiros, reivindicando golpe militar, deslocaram-se para Brasília, marcharam até a Praça dos Três Poderes, invadiram e depredaram as sedes do executivo, judiciário e legislativo brasileiros.

Parte das produções textuais mencionadas no parágrafo anterior estão documentadas no catálogo denominado *Golpeflix*, definido como um “catálogo digital das mentiras que levaram ao 8 de janeiro”¹² produzido pela Aos Fatos, agência brasileira de checagem de fatos signatária da *International Fact-Checking Network* (IFCN). O catálogo *Golpeflix* está organizado cronologicamente em 9 capítulos, os quais registram conteúdos produzidos e postos para circular por bolsonaristas no período entre o início de novembro de 2022 e o início de janeiro de 2023.

Os capítulos 1) *Para ninguém esquecer*, e 9) *Fim*, são aqueles de abertura e fechamento do catálogo. Os capítulos 2) *Do silêncio ao apoio*, 3) *Ação coordenada*, 4) *Não sobe a rampa*, 5) *Elas estão agindo*, 6) *Caos em Brasília*, que compõem o volume 1; e os capítulos 7) *Subindo a rampa*, e 8) *Caos em Brasília*, que compõem o volume 2, intitulado *Selva*, são aqueles que registram, efetivamente, os conteúdos produzidos. Cada um desses capítulos possui subcapítulos, conforme apresentamos no quadro a seguir (Quadro 1, na página seguinte). É importante destacar que, segundo a Aos Fatos, “Integram este acervo **687 mídias** selecionadas a partir de uma base de **119 mil imagens, 25 mil áudios e 321 vídeos** compartilhados nas redes monitoradas pelo **Aos Fatos** entre as eleições e os ataques em Brasília.”¹³ (grifos da agência).

A seleção e organização de nosso *corpus* produziu uma classificação dos dados considerando o período em que os materiais circularam, o tempo dos áudios e vídeos e o ambiente digital pelo qual circularam. Todas essas informações ou foram fornecidas no interior dos textos ou pela Agência *Aos Fatos*, ou ainda foram depreendidas por nós, por intermédio da análise desenvolvida posteriormente.

Neste trabalho, focalizamos com mais detalhe os *cards* (nomeados pela Aos Fatos como *imagens*) documentados no catálogo *Golpeflix*. Trata-se, dentre as produções que compõem o acervo, da categoria de textos mais compartilhada nas redes documentadas pela *Aos Fatos*, conforme a própria agência explica na citação anterior. Além da observação mais detalhada dos 14 *cards* (2 *cards* de cada um dos capítulos do catálogo, com exceção dos capítulos de abertura e fechamento), também observamos 14 áudios e 14 vídeos, principais dados a partir dos quais produzimos as reflexões a seguir.

¹² Disponível em: <https://www.aosfatos.org/golpeflix/#/>. Acesso em: 21 maio 2023.

¹³ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/golpeflix/#/capitulo/1/2>. Acesso em: 21 maio 2023.

Quadro 1 – Capítulos e subcapítulos que compõem o catálogo *Golpeflix*.

CAPÍTULOS	SUBCAPÍTULOS
1. Para ninguém esquecer	[não há]
2. Do silêncio ao apoio	Artigo 142
	Ausência eloquente
	Parla, Bolsonaro
3. Ação coordenada	Bloqueios lucrativos
	Mentiras nas seções eleitorais
	Un influencer muy amigo
	The Americans
	O papel do Ministério da Defesa
	O partido de Bolsonaro
4. “Não sobe a rampa”	Até o Congresso Nacional
	Por que Lula não vai assumir
	Lula está doente ou foi substituído
5. Elas estão agindo”	Na verdade, Lula é ficha suja
	O golpe está em curso
	Deu no Diário Oficial
6. Caos em Brasília, vol. 1	Bolsonaro posa com militares
	Oi, sumido
	Invasão à Polícia Federal
7. Subindo a rampa	Diploma falso
	A live derradeira
	Chama o VAR
8. Caos em Brasília, vol. 2: Selva	O inimigo agora é outro
	Invasões bárbaras
	Estado de negação
	Golpismo lucrativo
9. Fim	Infiltrando os infiltrados, de novo
	[não há]

Fonte: elaboração própria.

3 **Discutindo as características textuais-discursivas das *fake news***

Nossa primeira tese está relacionada a um princípio fundamental para tratarmos das *fake news*: a quantidade e a diversidade de textos que circulam em plataformas como o *WhatsApp* e o *Telegram*, e em redes sociais como o *Twitter*, o *Instagram* e o *Facebook*.

Como citado na seção anterior, segundo a agência *Aos Fatos*, a *Golpeflix*, que abriga 687 mídias, foi elaborada a partir de uma base de dados em que foram registradas em circulação 119 mil imagens, 25 mil áudios e 321 vídeos. Esse tipo de funcionamento discursivo das *fake news*, de existirem em larga escala, em grande quantidade e, em alguma medida, conectadas tematicamente, é fundamental para que a sua principal finalidade seja alcançada: fazer com que grandes parcelas da sociedade se engajem em certos comportamentos relacionados a certos modos de organização social e/ou ainda em relação a certos temas/questões sociais.

No caso do conjunto de textos analisados, grande parte deles conclamava a população a “ir para as ruas” e explicava como as pessoas deveriam agir para que pudessem participar da “tomada do poder”. Por exemplo, na primeira semana de janeiro, circulou o card-panfleto abaixo:



Figura 1 – Card-panfleto em que se convoca “o povo” para a tomada de poder

Fonte: Disponível em: https://storage.googleapis.com/golpeflix/clips/Bh_DbhtTJrt9Mn17QVIKAXIPoh8SjITFM-uB5gSZp8s_2023-01-05.jpeg. Acesso em: 05 jun. 2023.

Como é possível perceber, o card-panfleto acima (Figura 1) conclama as pessoas a participarem da tomada de poder que aconteceria nos dias 07 e 08 de janeiro de 2023, no Congresso Nacional. O texto, que circulou na primeira semana de janeiro de 2023, também convoca especialmente pessoas da cidade de Lins, no interior do estado de São Paulo, anunciando que haverá ônibus gratuito para levar as pessoas da cidade para Brasília.

Esse padrão de convocação, para as pessoas “agirem” de determinada forma, inicia-se já na primeira semana de novembro de 2022, quando um card-panfleto circulou convocando as pessoas para irem às ruas em apoio aos caminhoneiros, com as seguintes palavras de ordem: *Dia 02 o BRASIL nas RUAS!*; # *Eu Apoio OS CAMINHONEIROS*; #*ParalisadosPeloBrasil*.

O sucesso das *fake news* dependem de elas de fato conseguirem mobilizar os “corações e mentes” principalmente na direção de ações sociais específicas de grande impacto. No entanto, é claro que apenas os panfletos de convocação não teriam a força suficiente para provocar efeitos concretos nos diversos agentes sociais. A diversidade de formatos genéricos e de temáticas sociais que convergem temática, discursiva e simbolicamente para que os agentes tomem decisões específicas é fundamental para que as *fake news* cumpram o papel que lhes foi designado: atrair muitos agentes sociais para performances conjuntas, baseadas em crenças e valores comuns.

Nesse sentido, afirmamos que é justamente a circulação de uma quantidade massiva de textos diversos, incorporados a formatos genéricos também diversos, os quais estabelecem uma relação de intertextualidade a um só tempo implícita e formal com os formatos genéricos do campo jornalístico já legitimado, que fazem com que as *fake news* sejam vistas como textos que emergem do próprio campo jornalístico, aquele que funciona de forma legítima há mais de um século (Bourdieu, 1997).

A partir da observação do *corpus* que construímos, é possível afirmar que os diversos formatos genéricos (escritos, falados e audiovisuais) contribuem para produzir uma sensação de que as pautas apresentadas estão em consonância com os fatos da realidade social. A diversidade de formatos pode ser considerada a partir de critérios elaborados no interior do próprio campo jornalístico: gêneros noticiosos e gêneros opinativos. Há uma predominância dos gêneros opinativos, especialmente do comentário.

Inspirados nas práticas brasileiras de presença de comentaristas políticos, que passam grande parte dos programas jornalísticos mais importantes comentando as notícias políticas, os textos das *fake news* emulam essa prática, comentando sobre variados assuntos que, no entanto, convergem para algumas ações discursivas básicas: desqualificação dos oponentes (por exemplo, Presidente Lula, Ministro do Supremo Alexandre de Moraes, General Mourão, ex-vice do ex-Presidente Jair Bolsonaro) e afirmação de que a denominada intervenção militar/federal estava em curso naquele período. Os formatos genéricos noticiosos são em menor número, mas é possível afirmar que dialogam fortemente, em termos temáticos, com os formatos opinativos. Os formatos noticiosos, quando em áudio ou vídeo, buscam replicar o tom jornalístico, muitas vezes por meio da imitação das características da voz de um jornalista/radialista conhecido, além de replicarem também a visualidade de um telejornal, conforme evidencia a captura de tela de um dos vídeos apresentada na página seguinte (Figura 2).

Das tantas características elencadas pelo sociólogo francês para o campo jornalístico, nos interessa mais especialmente aquela que diz respeito ao poder simbólico acumulado ao longo dos séculos por esse campo, o poder de modificar “[...] mais ou menos profundamente as relações de força no interior dos diferentes campos, afetando o que aí se faz e o que aí se produz e exercendo efeitos muito semelhantes nesses universos fenomenicamente muito diferentes.” (Bourdieu, 1997, p. 101).

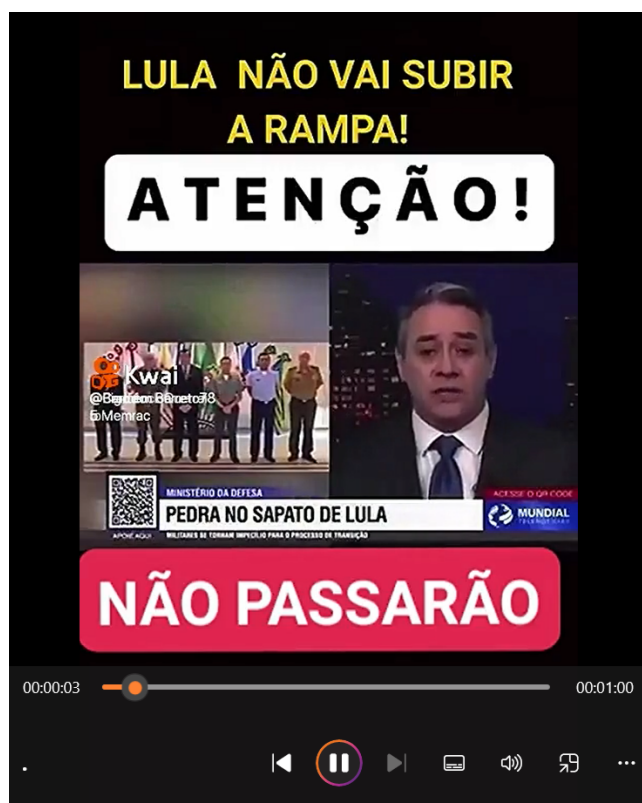


Figura 2 – Captura de tela de vídeo de caráter noticioso em que se afirma que Lula não subiria a rampa do Palácio do Planalto

Fonte: disponível em: <https://storage.googleapis.com/golpeflix/clips/CAPA-3-1-3.mp4>. Acesso em 05 jun. 2023.

O poder acima mencionado tem como fonte os textos produzidos no interior do campo jornalístico, os quais permitem a constituição e o exercício nesse campo do monopólio de selecionar, produzir, criar e difundir em larga escala aquilo que é considerado informação (relevante) sobre os demais campos, o que Bourdieu (1997) caracteriza como forma rara de dominação simbólica. Logo, a existência pública desses outros campos e de seus conteúdos, isto é, a própria possibilidade de esses serem conhecidos foi, ao longo dos anos, e segue sendo moldada pelo campo jornalístico.

Ademais, no campo jornalístico, o papel dos textos na organização social do campo fica explicitado. Isso porque por serem os textos os próprios produtos de consumo e sobre os quais se centra o poder de influência jornalística, a organização do campo é evidente e necessariamente textual, considerando-se os temas sobre os quais tratam os textos produzidos¹⁴ ou mesmo os formatos genéricos por meio dos quais os textos se deixam perceber¹⁵.

¹⁴ Assim, podemos ter, por exemplo, jornais ou portais jornalísticos com seções esportivas, científicas, jurídicas, policiais, cotidianas, turísticas, artísticas etc.

¹⁵ É possível observar a influência do campo jornalístico na formatação e organização textual-discursiva de portais que podem ser considerados como participantes de outros campos, sendo que seus conteúdos se encontram organizados conforme o trato jornalístico dado aos temas. Por exemplo, os conteúdos podem ser formatados como notícias – textos mais curtos e mais objetivos –, como reportagens – textos mais longos, detalhados, fundamentos e mais objetivos –, como artigos de opinião e editoriais – textos mais ou menos longos e mais opinativos –, como resenhas ou sinopses – textos mais ou menos curtos e com avaliações sobre produtos culturais específicos.

A realidade analisada por Bourdieu (1997), de serem os textos aquilo mesmo que se consome no campo jornalístico, vincula diretamente a lógica de produção e difusão de textos nesse campo à lógica do capital, na qual, quanto mais consumidos os textos são, maiores os lucros que obtêm seus produtores, sendo estes, por consequência, mais valorados no campo. Esses produtos-textos, ainda que, em muitos casos, materializados linguisticamente na modalidade escrita, são altamente perecíveis (Bourdieu, 1997), diferentemente do que ocorre com as produções de campos como o científico (a exemplo dos livros, teses e artigos) e o jurídico (a exemplo das leis, dos acórdãos e das sentenças condenatórias). Isto evidencia a condição de o campo jornalístico possuir uma temporalidade própria, em que o que interessa ser consumido é o agora, o atual, a novidade, o iminente e o (supostamente) eminente. Tem-se, como consequência, a disputa pelo “furo jornalístico”, já que aqueles que apresentam mais furos vendem mais notícias e possuem maior estoque de notícias para vender.

De fato, os agentes financiadores das *fake news* buscam legitimá-las como textos produzidos no interior da dinâmica do campo jornalístico, dado o seu foco nos temas, atores e ações de outros campos – no caso do escopo deste texto –, do campo político. Para tanto, exacerbam as possibilidades de manipulação dos gêneros do discurso, trabalhando a constante tensão relacionada à emergência de fatos novos e/ou iminentes por meio da produção e circulação de textos nos mais diversos formatos genéricos:

- i. noticiosos: notícias – radiofônicas, impressas, televisivas, “passíveis de serem plataformizáveis” por meio de *tweets*, de postagens no *Facebook* e no *Instagram*; por meio de vídeos no *Youtube*, na plataforma *TikTok* ou *Kwai*; por meio de áudios/vídeos em plataformas para *podcasts*, além de vários outros formatos e plataformas por meio dos quais os agentes se propõem a distribuir o que se busca construir como informação;
- ii. opinativos (comentários, editoriais, testemunhos, relatos);
- iii. políticos: comunicados, cards-panfletos, avisos, listas, anúncios de eventos políticos, convocações para “ir/vir para a rua”, pronunciamentos, dentre outros.

Nesse sentido, as *fake news* cumprem uma das exigências do campo jornalístico: a produção, a difusão e a rápida renovação (nesse caso, também por meio da diversificação dos formatos genéricos) dos textos, haja vista ser o texto noticioso (ou aquele que se produz na dinâmica do campo jornalístico) um produto rentável e não durável. No campo jornalístico, a concorrência por aquilo que é considerado “atualidade” ou “novidade” gera uma permanente autovigilância dos agentes (legitimados ou em luta por legitimação) desse campo sobre si mesmos. É assim que um jornal, baseado nas produções de outros jornais, define os assuntos a tratar e quais os convidados relevantes para serem ouvidos. Portanto, tal qual ocorre também em outros campos, esclarece Bourdieu (1997), a concorrência, que deveria favorecer a originalidade, favorece, na verdade, a uniformidade e a repetição no interior do campo jornalístico.

A nosso ver, a uniformidade do campo jornalístico, até a chegada das *fake news*, estaria relacionada ao alto grau de padronização textual-discursiva a que chegaram os textos jornalísticos¹⁶; já a repetição estaria relacionada ao que se chama no interior do campo jornalístico de *agenda-setting* – nome técnico para justificar os procedimentos comuns das supramencionadas seleções de temas noticiosos (o que vale a pena ser noticiado ou não) e de especialistas a serem ouvidos sobre os temas selecionados. Com a chegada das *fake news*, no embalo da emergência das novas tecnologias de informação, essas características do campo jornalístico são abaladas, dada a diversificação dos formatos genéricos e dado o descontrole da *agenda-setting*, antes nas mãos dos grandes meios de comunicação.

Em relação a essa última questão, vale a pena trazer a discussão sobre a relação entre *agenda-setting* e as crenças e valores sociais mobilizados nas/pelas *fake news*. No *corpus* de textos que analisamos, a *agenda-setting* foi se mantendo e também mudando ao longo do tempo. Durante os dois meses e 08 dias que sucederam a vitória de Lula na eleição presidencial brasileira de 2022, em segundo turno, os temas mais importantes que circularam, através dos textos analisados, foram, em um primeiro momento: o não reconhecimento da vitória de Lula; já em um segundo momento: a fraude nas urnas eleitorais, a paralisação do Brasil por meio da greve dos caminhoneiros, as manifestações pacíficas em frente aos quartéis e ao Alvorada, a possibilidade de intervenção militar ou federal, a responsabilização de Alexandre de Moraes pelas fraudes nas urnas, as ações midiáticas de Bolsonaro (participação em cerimônias militares, as reuniões com os comandos militares); e, em um terceiro momento: a confiança nas Forças Armadas, especialmente o Exército, e em Bolsonaro, Lula não tomaria posse. Depois da diplomação e da posse de Lula, passou-se a tematizar mais fortemente a existência de infiltrados no movimento (eles teriam sido os responsáveis pelas depredações de prédios e incêndios de carros na noite da diplomação de Lula) e a tomada do poder pelo povo.

Articuladas a essas temáticas, as ações fundamentais performatizadas nos/pelos diferentes textos podem assim ser resumidas: conclamações para que as pessoas fossem às ruas pedir intervenção militar ou federal e para que participassem das manifestações nos vários lugares do Brasil, especialmente em Brasília; afirmação da fraude nas urnas; pedidos para que as pessoas acreditem e confiem em Bolsonaro, nas Forças Armadas e que “algo” vai acontecer para mudar a situação política estabelecida com a vitória de Lula; denúncias de infiltrados no movimento político bolsonarista; divulgação de fatos envolvendo Bolsonaro e as Forças Armadas; desqualificação e difamação de Lula, de Alexandre de Moraes, do TSE e do General Mourão, ex-Vice Presidente da República. Os textos ficam cada vez mais “quentes” quando observamos os principais objetos de discurso neles presentes. Daremos apenas alguns exemplos de como isso acontece, no Quadro 2:

¹⁶ Em função principalmente de suas presenças constantes em nossos cotidianos, notícias, reportagens, artigos de opinião e outros gêneros jornalísticos podem ser reconhecidos, a título de exemplificação, por adultos e mesmo crianças mais ou menos escolarizados, condição explicável pelos modos bastante padronizados como esses textos são estruturados e formatados, ou mesmo por suas dimensões e número de caracteres similares entre si.

Quadro 2 – Conjunto de Fake News: relações entre mídia, gênero, tema e objetos de discurso

Período estimado	Mídia/Gênero	Tema	Objetos de Discurso
Novembro/2022	Áudio/Carta ao presidente	Responsabilização de Alexandre de Moraes pela vitória de Lula; eleição roubada tanto no primeiro turno quanto no segundo; difamação de Lula; críticas aos governos do PT; aplicação do artigo 142 com prisão dos políticos; o povo está em frente aos quartéis	Alexandre de Moraes; aquele pilantra, aquele drácula, que foi presidente, que ficou no lugar de Dilma, aquele Michel Temer; intervenção federal; artigo 142; Lula ladrão, vigarista, cachaceiro, pilantra, macumbeiro; 16 anos de miséria; políticos pilantras
Novembro/2022	Imprensa/ Fio do Twitter	Fraude nas eleições do segundo turno; necessidade de contestação por parte do PL dos resultados das eleições do segundo turno	PL; o Lula; Bolsonaro; @alexandre do PCC, advogado do Lula; o TSE; @exercitooficial Poder Moderador; urnas não auditadas; a lisura do processo; auditoria do primeiro turno; as inconsistências cientificamente apresentadas no processo eleitoral do segundo (turno)
Novembro/ Dezembro/2022	Imprensa/ Notícia falsa	Invasão do STF pelo Exército; Busca e apreensão dos meios de comunicação de Alexandre de Moraes; Reação dos Ministros; Exército se juntará ao povo nas ruas.	Invasão do STF pelo Exército; Busca e apreensão dos meios de comunicação de Alexandre de Moraes; ministros (do STF); clima tenso; Exército nas ruas
08 de janeiro de 2023	Imprensa/ Mensagem de Telegram	Infiltrados (petistas, vândalos) estão causando as depredações	INFILTRADOS; Bandeira do PT... 13; ESSES PTISTAS; OS VANDALOS INFILTRADOS; O governo; a depredação; nosso movimento justo contra a desonra de ladrões no poder do nosso país

Fonte: Elaboração própria.

Retomando nossas teses, acreditamos que a produção de novos modos de (re)conhecer o mundo social a partir da inserção de uma maior quantidade e de uma maior diversidade de textos que emulam o funcionamento discursivo do campo jornalístico – produção e difusão rápida de textos diversificados, estabelecimento de uma *agenda-setting* “quente” e constantemente renovada com aquilo que se constrói como informação, rentabilidade do produto-texto, a partir de crenças (por exemplo, no nosso caso, naquele período, construiu-se a crença de que o Exército já estava nas ruas, preparando-se para tomar o poder) e de valores sociais partilhados, permite que afirmemos que o campo jornalístico atual, em toda a sua diversidade e renovação com o jornalismo digital, sofreu um grande abalo ao se deparar com a entrada dessa produção textual-discursiva massiva e diversificada.

4 Considerações finais

Até aqui, tentamos mostrar que os textos que compõem as chamadas *fake news* não se caracterizam apenas por serem textos mentirosos. Eles partem de um conjunto de crenças que foram moldadas ao longo de um período razoavelmente grande de tempo. Lembremos que o questionamento da segurança das urnas eletrônicas e da confiabilidade do processo eleitoral foi feito já depois do resultado das eleições presidenciais brasileiras de 2014, e, também, ao final das eleições presidenciais de 2018. Ao longo dos 04 anos de mandato, o então Presidente da República Jair Bolsonaro trabalhou discursivamente e, também, por meio de ações oficiais de seu governo, para desacreditar as urnas eletrônicas. Nesse sentido, vemos que os textos não são os únicos responsáveis pelo processo de consolidação de crenças e de modos de conhecer aspectos do mundo social, mas são, segundo os autores do campo dos estudos do texto, “a mais bem sucedida forma complexa de constituição e organização de conhecimentos coletivos” (Antos, 2005, p. 103).

Essa rotulação do fenômeno – *fake news* – é útil para os atores legitimados dos/nos diversos campos sociais. No entanto, não é assim que enormes parcelas da sociedade os enxergam. Tentamos mostrar algumas das razões que levam as pessoas não apenas a acreditarem nesses textos, mas a também moldarem seus modos de conhecer atores, temas e ações sociais a partir deles. As ações que os textos performatizam e que neles são performatizadas estão em concernência com os gêneros diversificados, com os temas / as temáticas principais e com os objetos de discurso estrategicamente escolhidos. Além disso, retomam ou remetem a fatos ocorridos, reforçando a criação de significados comuns e possivelmente verossímeis.

Voltando ao início. A partir de uma visão dos estudos do texto, especialmente da Linguística Textual, e a partir da compreensão da natureza dos textos enquanto atividade, enquanto processos sociocognitivos, enquanto forma de interação e/ou de cognição social, enquanto fenômenos que podem instigar as pessoas a agir de certa maneira, enquanto realidades socio-históricas, não seria possível olhar as *fake news* como textos que apenas desinformam. Não é possível ver apenas uma função para um dos mais complexos fenômenos textuais das sociedades contemporâneas. Cada texto é, em geral, heterogêneo do ponto de vista de sua composição, multifuncional, trazendo em seu interior a *performance* de diferentes ações linguístico-discursivas. Além disso, os textos não apenas refletem o mundo social tal como o conhecemos, como também necessariamente o constituem.

A função de desinformar não é exclusiva das *fake news*. Sem dúvida, muitos dos textos que assim o fazem e que participam de maneira mais ou menos legítima do campo jornalístico devem ser reconhecidos como tal, mas as várias ações implícitas no conceito de desinformação (causar danos com ou sem intencionalidade, mobilizar informações verdadeiras ou genuínas para causar danos) podem ocorrer nos mais variados textos, se considerarmos as diferentes gradiências dessas ações e/ou os diferentes campos sociais nos quais se situam. É uma questão a ser mais explorada no futuro. Para nós, o importante é afirmar que as *fake news* existem como um conjunto de textos que não pode ser compreendido a partir de um único vetor: a avaliação ético-discursiva ou judiciosa sobre se eles, os textos, podem ou não causar danos. Nesse sentido, a metodologia de abordagem desse fenômeno precisa também considerar que a melhor maneira de compreender os impactos que eles causam e o seu funcionamento textual-discursivo é olhar para a sua multiplicidade e diversidade e não apenas para um texto

de cada vez. Quando consideramos essas características – multiplicidade de formatos e de locutores, diversidade de temas relacionados entre si, rapidez na difusão, tudo isso incorporado a um campo conhecido por todos, o campo jornalístico –, passamos a compreender as razões pelas quais essa produção textual-discursiva permite a criação de universos de significação comuns, modos de (re)conhecimento do mundo com base no reforço a crenças, a valores sociais preexistentes, a afinidades semanticamente intensas, e também com base nas práticas de grupos sociais “moralmente superaqucidos”, que podem, por exemplo, “morrer pelo Brasil”.

Por isso, precisamos mesmo compreender as *fake news* como fenômenos sócio-históricos, que emergiram em um contexto específico, na esteira das novas tecnologias de informação e no centro de mundos sociais em constante crise e/ou desorganização sistêmica. Tentamos mostrar, ao longo do nosso artigo, as razões pelas quais as *fake news* passam a ser legitimadas por enormes parcelas da sociedade. E isso acontece não porque as pessoas sejam cegas, burras, iletradas ou loucas. Esse tipo de avaliação não nos ajuda a compreender nem o fenômeno da produção textual nem o fenômeno da compreensão/interpretação dos textos.

As *fake news*, como um conjunto de textos distribuídos de forma massiva e produzidos de forma diversificada, permitem aos agentes uma atuação coordenada no mundo social, dado que, como afirma Morato (2023), os textos retomam uma “infraestrutura pragmática”, relacionada não apenas à ação coordenada, mas também, dentre outros aspectos, à atenção conjunta e à intencionalidade compartilhada. Nesse sentido, os textos, em geral, e as *fake news*, também, funcionam como “âncoras” nas quais os agentes se prendem para tentar (re)construir os sentidos de um mundo cada vez mais dinâmico, complexo e carente de sentidos sociais compartilhados. A força simbólica desse conjunto de textos é parcialmente responsável pelas mudanças radicais de comportamento dos atores sociais. Um exemplo drástico: no Brasil, a cobertura vacinal, antes do governo Bolsonaro chegava a quase 90% da população. Hoje não chega a 40%.

Ficam ainda muitas perguntas e uma intensa agenda de pesquisa. Cabe a nós caminharmos junto com as pessoas de forma a tentar propiciar para todos uma outra práxis no que diz respeito à intensificação da reflexividade (Lash, 2012) sobre as redes de significação e de classificação que estão na base da experiência social. Quem sabe, em breve, compartilharemos outras âncoras textuais (incluindo as já existentes e as novas que serão criadas) nas quais possamos nos prender sem necessariamente deixarmos de perceber a beleza da superação das intempéries provocadas pelo mar social.

REFERÊNCIAS

ANTOS, Gerd. Os textos como formas constitutivas do saber. Sobre algumas hipóteses para uma fundamentação da lingüística de texto à base de uma teoria evolucionária. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 93-127, 2005.

ANTOS, Gerd. Textos: modelos da produção de conhecimento. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 25-51, 2015.

BASTOS, Pedro Paulo Zahluth. Ascensão e crise do governo Dilma Rousseff e o golpe de 2016: poder estrutural, contradição e ideologia. *Revista de Economia Contemporânea*, v. 21, n. 2, p. 1-63, 2017.

BECK, Ulrich. *A metamorfose do mundo: novos conceitos para uma nova realidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

BENTES, Anna Christina; MARIANO, Rafaela Defendi; ACCETURI, Ana Cecília Almeida. Temas e estratégias referenciais em Conexão: analisando processos de estabilização e de mudança em um programa televisivo. *ReVEL*, [S. l.], v. 13, n. 25, p. 316-354, 2015.

BENTES, Anna Christina; MARIANO, Rafaela Defendi; ACCETTURI, Ana Cecília de Almeida. “Eu quero muito trabalhar um tema”: estratégias argumentativas no programa televisivo Conexões Urbanas. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 73, p. 110-123, 2017.

BENTES, Anna Christina. Temáticas como estratégias discursivas de legitimação social em programas televisivos brasileiros. *Letras*, Santa Maria, v. 27, n. 54, p. 101-112, 2017.

BENTES, Anna Christina. O texto além do texto. *Revista do IHU*, Edição 520, 23 abr. 2018.

BENTES, Anna Christina; MORATO, Edwiges Maria. Cyberhate, verbal violence, and reflexivity in the covid-19 pandemic’s scenario in Brazil. In: SIGNORINI, Inês (ed.). *Language practices of cyberhate in unfolding global and local realities*. New Castle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2022. p. 68-85.

BENTES, Anna Christina; SOUZA-SANTOS, José Elderson de. *Fake news* como produção textual disruptiva: os abalos nos campos sociais. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 65, e023014, 2023.

BENTES, Anna Christina. Texto. In: MAGALHÃES, Tânia; FLORES, Valdir (org.). *Estudos do discurso: conceitos fundamentais*. São Paulo: Parábola, 2024. p. 329-354.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão, seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FERREIRA-SILVA, Beatriz. “Boas práticas” em exposições orais: organização textual-discursiva em amostras da fala pública liberal no Brasil recente. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

FREITAS, Viviane Gonçalves. O duplo aniquilamento de Marielle Franco: *fake news* como estratégia para liquidar o inimigo. *Revista Mediação*, [S. l.], v. 22, n. 30, p. 23-41, 2020.

Golpeflix | Aos fatos. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/golpeflix/#/>. Acesso em: 21 maio 2023.

HANKS, William F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.

KOIKE, Dale.; BENTES, Anna Christina. Tweetstorms e processos de (des)legitimação social na Administração Trump. *Cadernos CEDES*, v. 38, n. 105, p. 139-158, 2018.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALACANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

LASH, Scott. Sistemas especialistas ou interpretação situada? Cultura e instituições no capitalismo desorganizado. In: GIDDENS, Anthony; LASH, Scott; BECK, Ulrich. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora Unesp, 2012. p. 235-254.

MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. Expressões de violência verbal e reflexividade face ao modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia de Covid-19. *Calidoscópico*, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 18-31, 2021.

MORATO, Edwiges Maria. “Âncoras na deriva simbólica” – textos como formas de cognição social. *Revista da Anpoll*, [S. l.], v. 54, n. 1, e1901, 2023. DOI: 10.18309/ranpoll.v54i1.1901.

SOUZA-SANTOS, José Elderson de. *Textos que matam: analisando operações textuais-discursivas na construção de fake news sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil*. 2023. Tese em andamento (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.